

Edição genética de uma tradução imperial: o livro do Hitopadeça por D. Pedro II

Adriano Mafra¹

Introdução

SEGUNDO BIASI, A EDIÇÃO DE MANUSCRITOS, “NA SUA FORMA MAIS ESPECIFICAMENTE GENÉTICA”,² consiste em publicar as camadas de escritura que correspondem à fase redacional do prototexto, observando para isso sua ordem cronológica. São priorizados neste trabalho os roteiros, esboços, planos, passagens a limpo, croquis, rascunhos e outros indícios de um processo de produção. O objetivo da edição genética não está centrado na publicação de uma obra textual, mas consiste na edição do que se encontra aquém dela, justamente o labor do escritor, “um certo estado inacabado ou ainda virtual”³ da escritura que é descartado no processo editorial de publicação. Para Grésillon,⁴ essa vertente de trabalho genético resulta em uma edição que apresenta, de maneira exaustiva e em ordem cronológica de sua aparição, os rastros de uma gênese.

O interesse da edição genética em salientar os fenômenos de escritura encontra aí um grande obstáculo: em qual ordem devem ser publicados os documentos de processo? Para respeitar a coerência das intervenções genéticas, Biasi⁵ propõe que as diferentes camadas de escritura devam ser encaixadas umas nas outras e, por mais paradoxal que pareça, somente as tecnologias digitais têm resolvido os problemas impostos pela proliferação e complexidade lógica dos registros em papel. Se coube à Crítica Genética a tarefa de dar legitimidade “ao projeto de editar e interpretar os manuscritos literários visando elucidar, de dentro do trabalho do escritor, o processo de escritura e a gênese das obras”⁶ sem que se atribuisse ao texto dito final um *status* privilegiado, os manuscritos tradutórios de D. Pedro II, aqui entendidos como portadores da criação e da circulação, possibilitam discussões acerca do papel dessa tradução em ao menos dois aspectos. O primeiro deles, na vida do homem de letras e tradutor Pedro d’Alcântara; e o segundo, no cenário do Brasil de fins do século XIX.

O monarca traduziu poetas que mais admirava: Victor Hugo, Leconte de Lisle, John Greenleaf Whittier, Alessandro Manzoni, Henry Wadsworth Longfellow, entre outros. Além disso, verteu para

¹ Doutor em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina e em *Translation Science* pela *University of Antwerp* (Bélgica). Professor da Educação Básica, Técnica e Tecnológica no Instituto Federal Catarinense – Campus Ibirama e pesquisador do Núcleo de Estudo de Processos Criativos (NUPROC/DLLE/UFSC). E-mail: adriano.maфра@ifc.edu.br

² BIASI, P-M. *A genética dos textos*. Tradução: Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 91.

³ *Ibidem*, p. 91.

⁴ GRÉSILLON A. *Elementos de Crítica Genética: Ler os Manuscritos Modernos*. Supervisão da tradução Reulliard. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

⁵ BIASI, P-M. Op. cit.

⁶ *Ibidem*, p. 93.

o português cantos de obras como *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri; as *Mil e uma noites* diretamente do árabe; trechos do épico *La Araucana*, que narra a batalha entre os araucanos e os colonizadores espanhóis no Chile; e o Livro do *Hitopadeśa*, traduzido diretamente do sânscrito. Em seu diário⁷, encontramos notas sobre suas traduções, datas e alguns títulos de obras de autores que pretendia traduzir. Além do diário, que fornece informações valiosas sobre o trabalho de tradução, há correspondências com muitos intelectuais da época, poetas e escritores de todo o mundo – que também fornecem informações importantes sobre o processo de tradução do imperador. Algumas traduções de D. Pedro II encontram-se mantidas nos arquivos históricos do Museu Imperial de Petrópolis, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e também em arquivos particulares. Se as traduções do imperador foram numerosas, apenas três delas foram publicadas durante sua vida, a saber: *Poesias (originais e traduções) de S. M. o Senhor D. Pedro II*⁸, *Poesias Hebraico-Provençais do Ritual Israelita Comtadin*⁹ e *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo.¹⁰

Os diários e as trocas epistolares do imperador atestam seu interesse e inclinação ao estudo das línguas. Esses documentos arquivísticos revelam o perfil de um estudioso moderno que quer levar para o mundo “civilizado” seu país “analfabeto”, que ainda não tinha uma tradição literária consolidada. A posição de liderança de Dom Pedro II – imperador literato – é evidente quando se considera a identidade que ele assume durante suas viagens pela Europa. O monarca procura ser visto e aceito como um cidadão literato moderno, simplesmente chamando a si mesmo de Pedro d’Alcântara, sem fazer uso de qualquer sinal distintivo imperial. D. Pedro costuma se valer das insígnias imperiais apenas em território nacional. É importante ressaltar que, além de alinhar-se com o cânone literário ocidental, em suas tentativas de criar literatura nacional e identidade, o imperador também está tentando integrar a oralidade e a tradição indígena de seu país.

⁷ ALCÂNTARA, P. *Diário do Imperador D. Pedro II*. Organização: Begonha Bediaga. Petrópolis: Museu Imperial, 1999.

⁸ O livro, uma homenagem dos netos D. Pedro e D. Luiz, filhos da princesa Isabel, conta com grande parte das traduções de poesias realizadas por D. Pedro II. Dividido em duas seções, a edição traz na primeira parte os sonetos cuja autoria é atribuída ao monarca, seguido das traduções empreendidas por ele. Cf. ALCÂNTARA, P. *Poesias (originais e traduções) de S. M. o Senhor D. Pedro II*. Petrópolis: Typographia do “Correio Imperial”, 1889.

⁹ Há, nesta obra, uma introdução de seis páginas de autoria do próprio monarca. Nela, D. Pedro II discorre sobre os “cânticos ingênuos”, compostos segundo ele para festas familiares e que recordam os cânticos da tradição cristã. Sobre a tradução propriamente dita dos *piout*, ele afirma que a versificação desse gênero de poesia é extremamente irregular e de difícil definição e que foi por intermédio do Rabino Benjamin Mossé que teve vontade de conhecer e, como amador antigo do “fêlibrige”, traduzir o ritual “contandim”. Cf. ALCÂNTARA, P. *Poesies hébraico-provençales du rituel israélite comtadin*. Traduites et transcrites par S. M. Dom Pedro II d’Alcantara, empereur du Brésil. Avignon: Seguin Frères, Imprimeurs-Éditeurs, 1891.

¹⁰ A tradução do imperador, feita em prosa, foi devidamente versificada pelo Barão de Paranapiacaba, a quem D. Pedro II teria entregado os manuscritos “manifestando o desejo de que [...] trasladasse para verso a sua prosa”, segundo o próprio Barão em carta publicada no *Jornal do Commercio* (1907, p. ix). Cf. ALCÂNTARA, P. *Prometeu Acorrentado*. Trasladação poética do texto pelo Barão de Paranapiacaba. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907.

No presente artigo, abordo o processo que deu origem a uma das primeiras edições genéticas de trabalhos de tradução realizados pelo monarca Pedro II. A edição do *Hitopadeça*¹¹ contemplou os três cadernos de manuscritos do monarca, somando 45 fólios. O método empregado para a edição dos manuscritos em questão foi a transcrição diplomática do livro do *Hitopadeça*. A mesma corrente metodológica permitiu, então, detectar as ocorrências contidas nos manuscritos de D. Pedro II, acompanhando, avaliando, definindo e descrevendo o seu processo de criação durante a tradução, além de revelar um tradutor majoritariamente guiado pela tendência *source-target* em sua tradução.

A Genética da tradução imperial: o livro do Hitopadeça

A edição dos manuscritos tradutórios da coletânea em sânscrito denominada *Hitopadeça* pode ser categorizada como *horizontal*. Tal modalidade de edição se ocupa dos rascunhos da obra não como portadores de um encadeamento ou de um processo de escritura, mas como uma *versão*, isto é, uma estruturação redacional em que o autor trabalha em um manuscrito único. Segundo Biasi¹², as edições horizontais de uma obra inédita, como é o caso da tradução imperial, podem produzir três tipos de projeto editorial, que variam de acordo com o grau de adiantamento redacional do manuscrito. Um deles corresponde aos “rascunhos ou documentos desigualmente adiantados, inacabados e deixados em estado de construção”. Trata-se de uma “gênese interrompida onde tudo indica que esses manuscritos constituíam para o autor o projeto de um conjunto coerente, mas sem nenhum gesto pré-editorial permitisse saber em qual forma precisa a obra deveria agrupá-los”¹³.

Os manuscritos de tradução do *Hitopadeça* apresentam uma única campanha de escritura, o que impossibilita a verticalidade das várias peças de um dossiê de gênese que possam indicar momentos distintos das fases de escritura¹⁴. Não há outras versões desse trabalho, tampouco a obra foi editada e

¹¹ O termo *Hitopadeça* provém da junção de dois radicais: *Hita* (útil, proveitoso) e *Upadeça* (instrução, conselho). Escrito entre os anos 800 e 950 d. C., o *Hitopadeça*, um dos livros mais conhecidos na Índia depois da *Bhagavad Gita*, reúne uma coletânea de fábulas e contos populares escritos em prosa e verso com forte apelo moral. São histórias curtas em que os animais e o homem convivem na mais perfeita igualdade e o enredo vai desde assuntos cotidianos até o fantástico mais inverossímil. As histórias presentes na obra foram escritas de maneira muito didática e destinavam-se principalmente aos jovens, dando-lhes a formação ética e a filosofia de vida necessária para que se tornassem adultos responsáveis. A obra divide-se em quatro seções, a saber: *Mitralābha* (Aquisição dos amigos), *Suhridbheda* (Desunião dos amigos), *Vigraha* (Guerra) e *Sandhi* (Reconciliação/Paz). Cf. MAFRA, A. *O processo criativo de D. Pedro II na tradução do Hitopadeça*. 2015. 449 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina/Universiteit Antwerpen, Florianópolis/Antwerpen, 2015.

¹² BIASI, P-M. Op. cit., p. 99. O autor menciona também os “rascunhos muito avançados ou quase acabados que constituem uma espécie de manuscrito pré-definitivo, que ficou inédito por vontade do autor ou por razões de circunstanciais” e “os rascunhos avançados, que não constituem um manuscrito acabado nem inteiramente homogêneo, mas que formam um conjunto significativo, redigido e ordenado”. Ibidem, p. 98.

¹³ Ibidem.

¹⁴ A mesma característica pode ser notada na tradução das *Mil e uma Noites* empreendida pelo monarca. Cf. SOUZA, R. *Edição genética da tradução das Mil e uma noites de d. Pedro II*. 2015. 763 f. Tese (Doutorado em Estudos

publicada. O conjunto de manuscritos dessa tradução, anômalo, apresenta todas as campanhas de escritura no próprio corpo do texto, ou seja, a composição, por ser quase sempre em jorro, apresenta intervenções/correções imediatas e interpolações que perpassam todos os fólhos. Seria possível afirmar, então, que as “camadas” de escritura provenientes de versões sucessivas do mesmo trabalho – alterações, inserções, cancelamentos e correções gerais de uma versão a outra – dividem a topografia de um mesmo fólho, o que facilitou, de certa forma, a constituição dos dossiês genéticos, a organização do prototexto e, principalmente, a edição genética aqui descrita, bem como a sua posterior interpretação e análise. Neste estudo, não apresento uma edição genética em seu sentido clássico, mas uma versão também anômala, como os manuscritos de tradução que ela representa. Os pesquisadores em Crítica Genética bem sabem que ler um manuscrito, mesmo transcrito, é bem diferente da leitura de um romance, por exemplo. A edição genética, nas discussões de Grésillon, precisa ser um documento que “facilite a decifração e que [...] sirva de matéria primeira para investigações e interpretações”¹⁵. Por isso, as cópias digitais dos manuscritos acompanham a transcrição de cada fólho correspondente.

*Transcrição Diplomática do Hitopadeça*¹⁶

Para que ocorra o deciframento dos manuscritos, é necessário que haja a transcrição dos fólhos preservando ao máximo as características autógrafas dos rascunhos, sobretudo no que se refere às rasuras e acréscimos presentes no documento. Essas intervenções, normalmente inseridas nas entrelinhas e nas margens das páginas, devem ser incorporadas fielmente nas transcrições o tanto quanto for possível pelo pesquisador. Desta forma, escolheu-se realizar a transcrição diplomática¹⁷ dos manuscritos do *Hitopadeça*. Biasi¹⁸ afirma que, para transcrever manuscritos de redação, é

da Tradução). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

¹⁵ GRÉSILLON, A. Op. cit, p. 250.

¹⁶ A edição genética do Livro do *Hitopadeça* é parte fundante da tese de doutoramento do autor, defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução sob a supervisão dos professores Dr. Sergio Romanelli e Dra. Noêmia Guimarães Soares na Universidade Federal de Santa Catarina, em cotutela com a *University of Antwerp*, sob supervisão da Profa. Dra. Christiane Stallaert.

¹⁷ A transcrição diplomática é pouco codificada, tenta se aproximar ao máximo das particularidades do documento e é de fácil leitura, além de se preocupar com a paginação autógrafa dos fólhos. Há também a transcrição linearizada codificada, a semidiplomática codificada e a diacrônica linearizada. A **linearizada codificada** apresenta código simplificado, é fácil de ler e econômica em espaço, porém não respeita a paginação autógrafa. A transcrição **semidiplomática codificada** prioriza restituir a paginação autógrafa, no entanto, apresenta uma codicologia complexa, dificultando, assim, a leitura. Por fim, a transcrição **diacrônica linearizada** não apresenta códigos, não reproduz a paginação, tampouco os fenômenos genéticos presentes nos fólhos. Apresenta “recortes” das etapas sucessivas da escritura e se ocupa das análises microgenéticas. (Cf. BIASI, P-M. Op. cit.

¹⁸ Ibidem, p. 98

imprescindível salientar as marcas próprias do documento autógrafo, restituindo uma imagem mais próxima das rasuras e acréscimos e suas posições no suporte material (entrelinhas e marginália). Considerando as palavras do autor, decidi utilizar a transcrição diplomática por ser esta modalidade a que mais se preocupa em se manter mais próxima do documento autógrafo.

A edição dos manuscritos tradutórios do *Hitopadeça* foi realizada seguindo algumas etapas. Após organizar o dossiê de pesquisa e definir o prototexto, cada fólio foi digitado no *Microsoft Word* em fonte *Courier New*, tamanho 12 e espaçamento entrelinhas simples. A escolha da fonte se deu, sobretudo, pelo fato de a *Courier* ser do tipo *monospace*, contrapondo-se aos modelos de fontes proporcionais. Isso garante aos seus caracteres a mesma largura e, por conseguinte, uma melhor legibilidade nos trechos em que há interpolações entre as linhas ou inscrições nas margens do papel, geralmente escritas em “arco” e comprimidas para se ajustar ao tamanho da folha, técnica bastante empregada pelo monarca. A fonte ainda apresenta um subconjunto de caracteres especiais que permitiu reconstituir também as palavras grafadas em outros idiomas presentes em muitos fólhos, especialmente em grego, hebraico e em árabe. Importante mencionar que nem todas as fontes disponíveis no processador de texto contam com esse complemento.

Durante a digitação do material, deparei-me com algumas palavras de difícil leitura. Para evitar possíveis equívocos de interpretação ou ainda a inserção de símbolos que marcariam a leitura duvidosa de algum termo, as traduções de Max Müller¹⁹ e Sebastião Dalgado²⁰ foram utilizadas como material de apoio. A consulta a essas obras resolveu as hesitações ou, ainda, em casos isolados, possibilitou fazer escolhas por aproximação, considerando o sentido do texto. Deve-se ressaltar que, na fase inicial de digitação, a ferramenta de verificação ortográfica do processador de texto precisou ser desabilitada para evitar a atualização automática da grafia e da acentuação de algumas palavras.

Ainda no *Microsoft Word*, utilizei as linhas do conjunto “formas” para reproduzir as marcas de rasura, indicar a complementação, inserção ou substituição de palavras e restituir outros elementos presentes em cada fólio, como demonstrado no exemplo a seguir:

Fig. 1: Primeira etapa de transcrição diplomática dos manuscritos tradutórios de D. Pedro II: Maço 041 [D02 P10] F30v.

E outro: vè de dous servidòres a differença
 De cauda (lângula; langul -ia= cauda -tus; o ma_
 aos
 No chão caco) agitação em baixo pés assentar
 (cahindo) e da boca do interior a mostra
 (deitando-se)
 cão de pão pelo doadòr faz, o elephante (gadja; de
 gadj= virar)

 touro (pun- gava -cow
 kuh ; macho-de-
 vaccas) porem
 Severamente olha e de lisonjas por centos come
 E outro

¹⁹ MÜLLER, F. *Handbooks for the study of Sanskrit: The Hitopadeśa*, Book 1. London: Longmans, Green and Co., 1868.

²⁰ DALGADO, S. *Hitopadexa ou instrução útil*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand, 1897.

A etapa seguinte se deu no *Inkscape*²¹, *software* de edição de gráficos vetorizados que possibilitou reproduzir os movimentos de escritura do monarca em sua totalidade, especialmente as alterações provenientes das campanhas de correção, as sentenças escritas tanto em sentido ascendente quanto descendente em relação à pauta do caderno e as palavras encaixadas nas margens da folha. Foram basicamente quatro ferramentas utilizadas durante a edição do material. A primeira delas, o “editor de nós”, segundo botão da caixa de ferramentas no lado esquerdo da tela, foi utilizada para que o texto pudesse ser desagrupado letra a letra. Isso porque o *Inkscape* reconhece o arquivo como sendo um único grupo, que precisa, portanto, ser desmembrado. Ao clicar em “editor de nós”, outras opções são oferecidas logo abaixo do menu principal. A penúltima delas, da esquerda para a direita, converte os objetos selecionados em caminho, ou seja, prepara o texto para o posterior fracionamento em unidades menores. Com isso, a edição se concentrou apenas na seção do texto ou da palavra que necessitava de edição. No menu principal “Objeto”, a opção “desagrupar” foi selecionada repetidas vezes até que as letras estivessem devidamente separadas. A partir daí, seria possível dizer que cabe ao geneticista definir as prioridades ou o seu método de trabalho, tendo em vista a materialidade presente em cada fólio a ser editado.

O “seletor de objetos”, primeiro botão da caixa de ferramentas, permitia selecionar, redimensionar e girar as partes do texto quando necessário. Aliás, um primeiro redimensionamento foi feito para enquadrar o texto na página do *Inkscape*, antes mesmo de fragmentá-lo em partes menores. O terceiro botão da caixa de ferramentas, chamado “ajustador”, auxiliou também na reprodução das frases em sentido descendente em relação às linhas do papel. O recurso de “zoom” garantiu a precisão nas várias passagens do texto com muitos detalhes a serem reproduzidos. Terminada a edição de cada fólio, o texto era selecionado (menu “Editar”, “Selecionar tudo”) e agrupado novamente através do menu “Objeto” e “Agrupar”. Em seguida, as camadas eram duplicadas no menu “Camada”, seleção “Duplicar” e salvos pela última vez.

Por ser a primeira proposta de transcrição diplomática realizada no *Núcleo de Estudo de Processos Criativos*, e considerando a diversidade e heterogeneidade dos manuscritos, outros recursos do programa ainda deverão ser explorados a fim de facilitar o trabalho do pesquisador e tornar a edição o mais próxima possível de seus pares em papel. O *Inkscape* não só tornou possível a proposta de transcrição diplomática do prototexto estudado, mas garantiu também uma maior legibilidade do conteúdo dos manuscritos tradutórios de D. Pedro II. A complexidade inerente ao objeto de estudo, dada a sua materialidade, ao ser representada a partir dos muitos códigos e símbolos provenientes de outras modalidades de transcrição, de fato, poderia tornar a leitura e interpretação um tanto quanto caóticas. Ademais, não teríamos esse “panorama” das especificidades do *corpus* ao ter contato apenas com transcrições em que há muitos códigos para representar a materialidade desenvolvida nas páginas do papel.

Abaixo, apresento um exemplo de fólio devidamente editado:

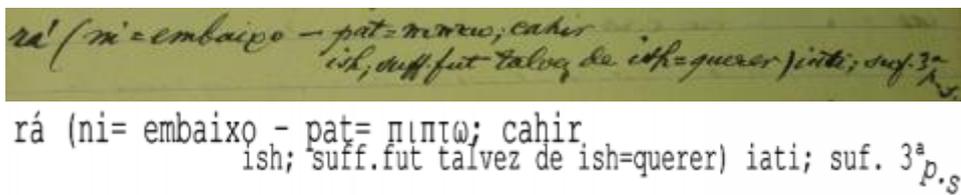
²¹ *Inkscape* é um *software* de código aberto (OSS) licenciado pela GPL.

realizada no exílio a partir da edição do Professor Peterson²⁶. Os recursos linguísticos empregados durante toda a tradução foram analisados e devidamente categorizados. As recorrências de certas operações escriturais empreendidas por D. Pedro II ao longo de sua tradução foram identificadas e devidamente classificadas em várias categorias. Para fins deste artigo, apresento em ordem alfabética apenas algumas tipologias para, em seguida, detalhar cada uma dessas ocorrências na tradução imperial: análise gramatical, intertextualidade, notas explicativas, pesquisa etimológica e tradução de nomes próprios.

Análise gramatical

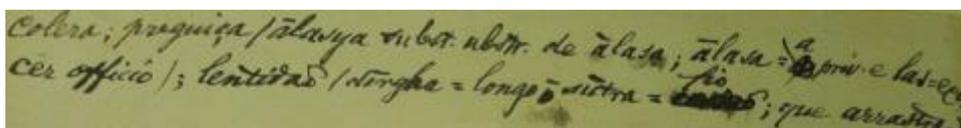
Imediatamente após fazer sua escolha tradutória, D. Pedro insere uma espécie de análise gramatical entre parênteses, muitas vezes retomando a transliteração da palavra para em seguida discorrer sobre questões gramaticais. O monarca normalmente se atém às classes de palavras, tempos verbais, aos afixos, à classificação de gênero e à categorização de locuções verbo-nominais. É um tipo de análise que demonstra que o tradutor, mesmo operando uma tradução que se caracteriza pela tendência de escrita livre, buscava refletir em determinados momentos sobre o vocábulo a ser traduzido. Verificando as ocorrências dessa tipologia, observou-se que esse mecanismo funcionava para comprovar que as escolhas tradutórias eram, senão as mais satisfatórias naquele momento, ao menos funcionais. Na figura 3, o tradutor deixa a tradução em suspenso para refletir sobre o tempo verbal e composição das palavras. Registra também sua dúvida em relação ao termo *ish*:

Fig. 3: Maço 29 – Doc. 1040 Cat B [D02 P14] F06v - MIMP/Ibram/MinC



Na figura 4, D. Pedro faz digressões sobre a classe de palavra *ālasya/ ālasa*, além de detalhar sua análise em torno da palavra em sânscrito *dirghasūtra*:

Fig. 4: Maço 29 – Doc. 1040 Cat B [D01 P04] F10v - MIMP/Ibram/MinC



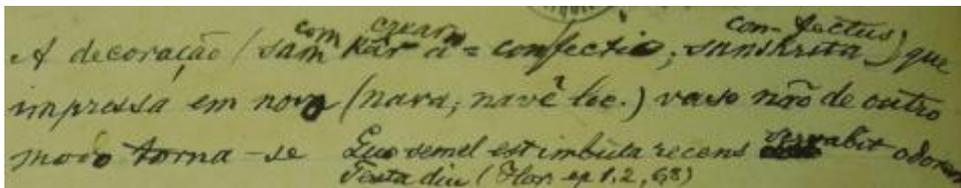
²⁶ A segunda seção da coletânea hindu (“Desunião dos amigos”) começou a ser traduzida em Cannes a partir de janeiro de 1890, conforme datação no primeiro manuscrito. De janeiro a agosto, há um total de 13 páginas de manuscritos tradutórios. Esta etapa de tradução, realizada no exílio, se deu a partir da edição do orientalista inglês Peter Peterson, discípulo de Max Müller. É provável que a não continuidade da tradução com a obra de Müller tenha ocorrido por conta do exílio da família imperial, já que D. Pedro II, deposto, não pôde levar seus pertences no dia do golpe republicano.

colera; preguiça/âlasya subs. abstr. de âlasa; âlasa=^a priv. e las= exer
cer officio); lentidão (dīrgha = longo sūtra=^{fio} cordão; que arrastra)

Intertextualidade

Durante sua tradução, D. Pedro II faz digressões dos mais variados assuntos. É, de fato, um método de trabalho bastante peculiar, especialmente quando consideradas as inúmeras intervenções contidas em uma única versão. Ao analisar uma dessas intervenções, é possível entrever algumas leituras realizadas anterior ou concomitantemente ao período em que estava traduzindo. As alusões revelam uma acentuada cadeia de intertextualidade que se desprende dessa tradução. Isso acontece, por exemplo, já nas primeiras páginas de tradução. Na figura 5, o monarca menciona um provérbio latino de autoria de Horácio como equivalente ao conteúdo traduzido: “*Quo semel est imbuta recens, servabit odorem / testa diu* (o vaso conservará por muito tempo o cheiro com que foi impregnado uma vez, quando ainda era novo)”²⁷. O tradutor cita, inclusive, detalhes da obra do poeta romano, como o número do livro, da epístola e do verso em questão. A clara analogia com o conteúdo do provérbio latino se nota na proposta textual ainda em estado bruto do monarca: “A decoração que impressa em novo vaso não de outro modo torna-se”.

Fig. 5: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P04] F01v - MIMP/Ibram/MinC

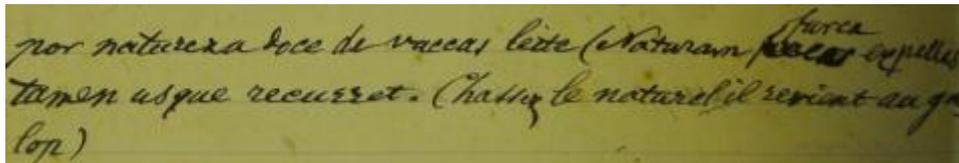


A decoração (sam Kâr a = confectio; sanskrita) que impressa em novo (nara; navê loc.) vaso não de outro modo torna-se Quo semel est imbuta recens servabit odorem Testa diu (Hor. ep 1,2,68)

No fôlio 08v, o monarca introduz novamente uma citação de Horácio, desta vez sem referenciar a obra: “*Naturam expelles furca, tamen usque recurret* (expulsa a natureza com um forçado, ainda assim ela voltará)”²⁸. Sua tradução se mantém em suspenso para que ele registre a versão francesa do provérbio latino: *Chassez le naturel il revient au galop*:

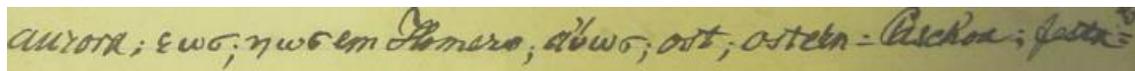
²⁷ LACERDA, R.; LACERDA, H.; ABREU, E. *Dicionário de provérbios: francês, português, inglês*. 2. Ed. rev. e ampl. São Paulo: UNESP, 2003, p. 73.

²⁸ *Ibidem*, p. 333.

Fig. 6: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P18] F08v - MIMP/Ibram/MinC

por natureza doce de vaccas leite (Naturam ^{furca}~~furca~~ expellas
tamen usque recurret. Chassez le naturel il revient au ga_
lop)

Mais adiante, já no segundo caderno de tradução, D. Pedro II menciona o poeta grego Homero. Vale lembrar que ele se dedicava à tradução da Odisseia desde 1887, conforme seu diário pessoal, além de comparar o original grego com as traduções de Odorico Mendes e Leconte de Lisle. A análise proposta pelo tradutor está presente na fala do corvo, personagem que, na tradução de Dalgado²⁹, afirma que não se pode “aquecer a água do oceano com um facho de palha”. Na tradução de D. Pedro, “facho de palha” é traduzido por “erva com tição”. Logo em seguida, o imperador inicia sua análise lexical e menciona o poeta grego:

Fig. 7: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D01 P18] F18v - MIMP/Ibram/MinC

aurora; εως; ηωσ em Homero; αὖωσ; ost; ostern = Paschoa; festa³⁰

O diálogo permanente entre Pedro II *tradutor* e Pedro II *scriptor* é ainda mais evidente neste caso de intertextualidade. Diante do desafio criativo que a tradução do texto original lhe impõe, o monarca recupera as reminiscências literárias e linguísticas (neste caso Horácio) que podem ajudar no processo de retextualização do original.

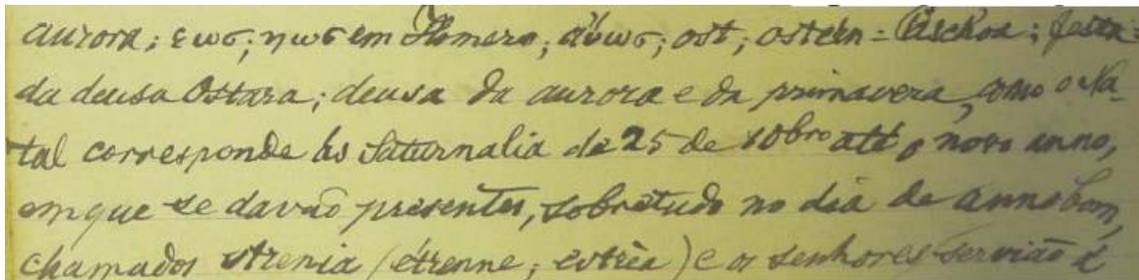
Notas explicativas

Esta tipologia ocorre quando o termo ou expressão utilizados durante a tradução é acompanhada de uma nota explicativa, possivelmente um recurso facilitador para o próprio tradutor, mas que nos sugere também uma preocupação em aproximar ao máximo o possível leitor da cultura de partida do texto traduzido. As explicações, sempre entre parênteses, baseiam-se na etimologia da palavra traduzida e ocupam-se também em clarificar os topônimos ou questões de ordem cultural. Caso

²⁹ Em Dalgado, a história está presente na fábula “O veado, o chacal e o corvo”. Cf. DALGADO, S. Op. cit., p. 45.

a tradução fosse editada, provavelmente tais explicações se enquadrariam em notas de rodapé, facilitando assim a compreensão do leitor durante o seu contato com o texto traduzido. A passagem a seguir é o já citado trecho atribuído ao corvo na fábula “O veado, o chacal e o corvo”³⁰:

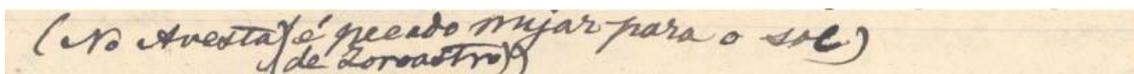
Fig. 8: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D01 P18] F18v - MIMP/Ibram/MinC



aurora; εως; ηως em Homero; αὐωσ; ost; ostern= Paschoa; festa da deusa Ostara; deusa da aurora e da primavera, como o Natal corresponde s Saturnalia de 25 de l0bro até o novo anno, em que se davão presentes, sobretudo no dia de anno bom, chamados strenia (étrenne; estrèa) e os senhores/servião á

A figura 9 apresenta a explicação cultural encontrada por D. Pedro II para justificar o diálogo entre os personagens-título da fábula “O burro e o cão”³¹. Na história, o burro menciona que “deve-se servir ao sol voltando-lhe as costas”. O trecho é, portanto, um acréscimo do tradutor:

Fig. 9: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P08] F29v - MIMP/Ibram/MinC



(No Avesta) é pecado mijar para o sol)
(de Zoroastro)

Pesquisa etimológica

Uma das práticas costumeiras de D. Pedro II no decorrer de seu trabalho como tradutor consiste em buscar nos idiomas, tanto nos clássicos quanto nos modernos, um denominador comum para justificar a sua escolha por determinada palavra ou expressão traduzida. O tradutor, ao remontar à

³⁰ D. Pedro II não atribuiu subtítulos para as histórias, por isso utilizo aqui os subtítulos da edição de Dalgado (Op. cit.), indicando, quando necessário, as diferenças encontradas na tradução de D. Pedro II. Na fábula em questão, o monarca menciona, além do chacal, a gazela e a gralha.

³¹ *Asno e cão*, na tradução imperial.

etimologia da palavra e confrontá-la com outras línguas, se enquadra na prática dos estudos filológicos oitocentistas. No caso do sânscrito, em especial, o trabalho revela uma tentativa por parte do monarca de comprovar a tese dos linguistas do século XIX, os quais defendiam a origem ariana das línguas europeias. Ele se valia de um recurso metodológico de ampla difusão nos centros intelectuais europeus e que, quando aplicado ao seu império, poderia talvez provar a ascendência oriental da língua guarani. Objetivava ele comprovar uma tese do historiador Varnhagen³² que conhecida bem. Além do mais, a busca pela etimologia das palavras, por ser um procedimento muito utilizado pelo tradutor, sugere grande preocupação e prováveis pesquisas em torno de cada vocábulo ou expressão a ser utilizada em seu texto.

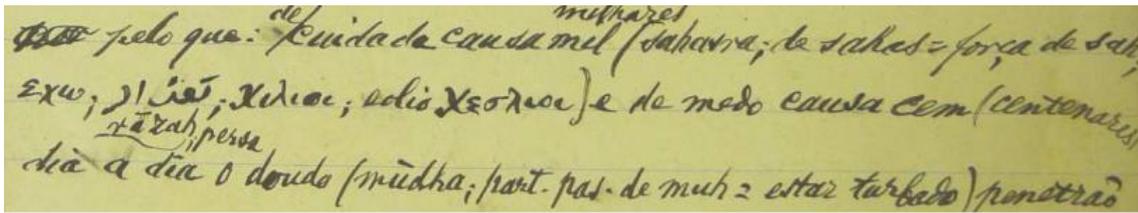
Das muitas línguas mencionadas por D. Pedro II, as recorrências principais de pesquisa etimológica figuram em grego, latim, alemão, inglês, árabe, persa e persa moderno, gótico, russo, eslavo, francês, lituano e hebraico. Em alguns momentos, o tradutor mescla a sua pesquisa etimológica com as já mencionadas análises gramaticais, como quando busca aproximações com o guarani (Fig. 11); em outros, costuma registrar suas dúvidas sobre suas escolhas. Esta tipologia, em especial, levanta algumas questões acerca das especificidades dessa tradução. Seriam essas notas de registro apenas uma materialização do pensamento do *scriptor* e por isso uma prática inconsciente ou D. Pedro II teria de fato um leitor real, que talvez precisasse dessa espécie de roteirização do texto? Pretendia o imperador utilizar seu trabalho de tradução na educação de seus netos? Ele mesmo revela esse desejo à época da morte da imperatriz: “Viverei para o estudo que infelizmente quase que não aproveitará senão para mim e para meus netinhos”³³.

O excerto a seguir faz parte do prólogo da seção denominada por D. Pedro “Desunião dos amigos”. Nele, Vishnusharman, responsável pela instrução dos filhos do rei, recebe o pedido dos jovens príncipes para que narre a primeira história. As primeiras estrofes lançadas pelo narrador são o ponto de partida para a fábula do segundo livro do *Hitopadeça*. O tradutor, nesse momento, interrompe o fluxo de sua tradução para explicar a etimologia da palavra *sahasra*, buscando a correspondência do termo assinalado em grego, árabe e persa:

³² Adolfo Varnhagen procurou comprovar, por meio de comparações de vocábulos indígenas com os de antigas civilizações, a origem euroasiática dos índios tupi-guaranis. As traduções de D. Pedro, especialmente as de línguas orientais, são um indicativo de que o monarca também se aventurava nesse campo, mesmo que de maneira incipiente. Enquanto Varnhagen correlacionava, por exemplo, a língua tupi e o egípcio antigo, “não só nas formas gramaticais, como especialmente em um grande número de palavras (às vezes até idênticas)”, Pedro II buscava a mesma aproximação do guarani com línguas do leste asiático. Cf. VARNHAGEN, F. *História*. Coleção Grandes cientistas sociais. Organização: Nilo Odália. São Paulo: Ática, 1979, p. 46.

³³ ALCÂNTARA, P. Op. cit. 1999, p. 827.

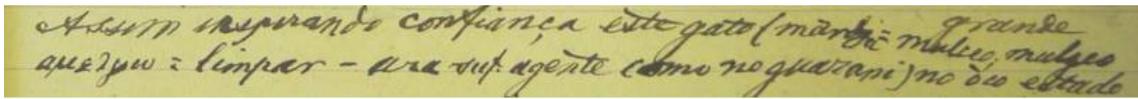
Fig. 10: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P13] F06 - MIMP/Ibram/MinC



por pelo que: ^{de}/cuidada causa mil ^{milhares} (sahasra; de sahas= força de sah;
εχω; ^{νεζαρ}; ^{χιλιοι}; ^{εολις χεσλιοι}) e de medo causa cem (centenares)
^{razah; persa}
dia a dia o doudo (mūdha; part. pas. de muh = estar turbado) penetrao

Recurso semelhante ocorre no excerto abaixo, quando a tradução é suspensa momentaneamente para que o tradutor analise o termo “mārdja”, presente na fábula “O abutre, o gato e as aves”. Além do grego, o monarca busca aproximação da transliteração do termo em sânscrito com a língua guarani:

Fig. 11: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D01 P13] F16 - MIMP/Ibram/MinC

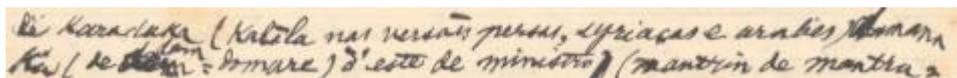


Assim inspirando confiança este gato (mārdj_a= ^{grande} mulceo; mulgeo
αμελγω= limpar - ara suf. agente como no guarani) no òco estado

Tradução de nomes próprios

A análise dos manuscritos de tradução do *Hitopadeça* revela uma particularidade no que tange a traduções de nomes próprios. Ao se deparar com os substantivos próprios, especialmente a denominação dos personagens, o tradutor não se preocupa apenas em transcrevê-los ou adaptá-los à escrita em língua portuguesa, mas procura traduzi-los na tentativa de aproximar o possível leitor do significado daqueles termos.

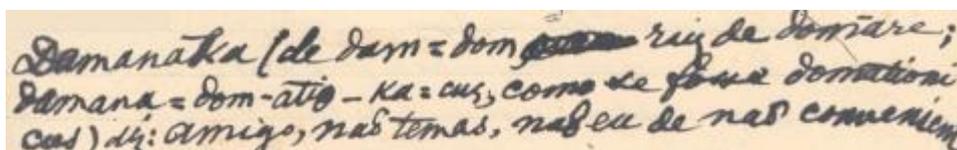
No entanto, a particularidade reside na técnica utilizada pelo governante para traduzir tais substantivos, pois quando se depara com o mesmo nome, em alguns casos, ele tenta traduzi-lo novamente, não se contentando com a primeira versão proposta. Percebe-se a utilização dessa técnica, por exemplo, na tradução do nome de um dos personagens principais da seção *Suhridbheda*, o chagal Damanaka. No fólio 27v, o chagal é mencionado pela primeira vez e o tradutor já inicia o processo de tradução daquele nome, sugerindo o significado do prefixo *dam-*:

Fig. 12: Maço 041 – Doc 1064 Cat B [D02 P04] F27v - MIMP/Ibram/MinC


de Karadaka (Kalila nas versões persas, syriacas e arabes) Damana
ka (de ~~dam~~^{dam} = domare) d'este de ministro (mantrin de mantra =

de Karadaka (Kalila nas versões persas, syriacas e arabes) Damana
ka (de ~~dam~~^{dam} = domare) d'este de ministro (mantrin de mantra =

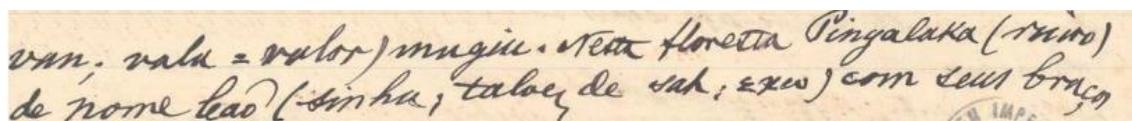
No fólio 28, o tradutor apresenta duas opções em latim para descrever a definição do nome do mesmo personagem: *domatio* e *domationicus*. As suposições etimológicas, no entanto, não lhe parecem muito convincentes, porque ele retorna ao possível significado desse termo no fólio 32: “conhecer sinal? Damanaka (domado?)”. Em seguida, ainda no fólio 32, o monarca apresenta uma análise mais refinada para aquele substantivo, fracionando a palavra no radical *damana-* e sufixo *-ka*:

Fig. 13: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P13] F32 - MIMP/Ibram/MinC


Damanaka (de dam = dom ~~raiz~~ raiz de domare;
damana = dom -atio -ka = cus, como se fosse domationi-
cus) diz: amigo, não temas, não eu de não conveniente

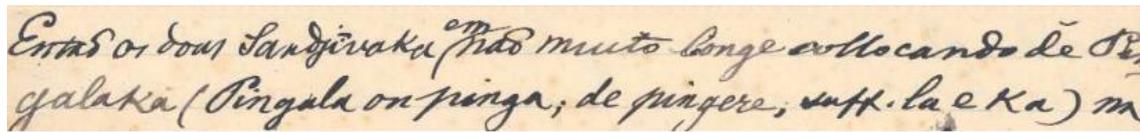
Damanaka (de dam = dom ~~raiz~~ raiz de domare;
damana = dom -atio -ka = cus; como se fosse domationi-
cus) diz: amigo, não temas, não eu de não conveniente

Fato semelhante ocorre com a tradução do nome do leão Pingalaka, o rei da floresta enganado pelos dois chacais. Em vários momentos de sua tradução, D. Pedro II (re)traduz o nome daquele personagem, buscando assim uma opção que seja mais adequada para a sua versão. Novamente, a tradução se atém ao processo de formação de palavras e os resultados se sustentam nas análises da raiz e do sufixo da palavra em questão, sugerindo uma composição por aglutinação:

Fig. 14: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P04] F27v – MIMP/Ibram/MinC


van; vala = valor) mugiu. Nesta floresta Pingalaka (ruivo)
de nome leão (sinha; talvez de sah; εxω) com seus braços

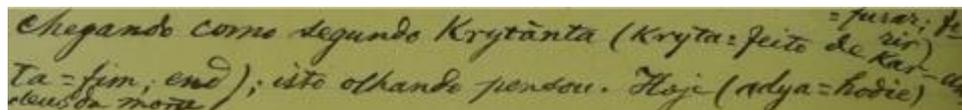
van; vala = valor) mugiu. Nesta floresta Pingalaka (ruivo)
de nome leão (sinha; talvez de sah; εxω) com seus braços

Fig. 15: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P21] F36 – MIMP/Ibram/MinC


Então os dous Sandjivaka não muito longe collocando de Pin-
galaka (Pingala ou pinga; de pingere; suff. la e ka) na

Então os dous Sandjivaka^{em} não muito longe collocando de Pin-
galaka (Pingala ou pinga; de pingere; suff. la e ka) na

As deidades hindus presentes no texto também não passaram despercebidas durante o processo de tradução. Novamente, o imperador preocupou-se em explicar o significado dos nomes próprios, neste caso, do panteão indiano, fato constatado nas passagens a seguir:

Fig. 16: Maço 29 – Doc 1040 Cat B [D02 P13] F06 - MIMP/Ibram/MinC


Chegando como segundo Kryptanta (Kryta=feito de kar^{=furar; fe-}
ta=fim; end); isto olhando pensou. Hoje (adya=hodie) un-
deus da morte)

chegando como segundo Kryptanta(kryta=feito de kar^{=furar; fe-}
ta= fim; end); isto olhando pensou. Hoje (adya= hodie) un-
deus da morte)

Ao analisar os manuscritos de tradução de D. Pedro II, fica perceptível a influência de outros idiomas na grafia de algumas palavras nas transcrições para o português. Há grande influência da língua alemã na grafia de vários termos, tanto em substantivos comuns quanto em nomes próprios. Podemos observar o fonema /ʃ/, representado em vários termos pelas letras *sch*:- *schakal*, *Vischnuçarman*, *vrischabha*, *räkschasa*. Para representar o mesmo fonema, Sebastião Rodolpho Dalgado utilizou a letra *X* em sua tradução. Vale ressaltar ainda mais uma vez que o mestre orientalista do monarca, Seybold, professor de árabe e sânscrito, era um alemão que o acompanhou durante muitos anos de sua vida, inclusive no período de exílio da família imperial³⁴.

Considerações finais

A presente proposta objetivou apresentar as ferramentas utilizadas para realizar a transcrição diplomática da tradução operada por D. Pedro II do clássico hindu denominado *Hitopadeça*. Igualmente, o artigo propôs efetuar a análise micro-genética dos manuscritos tradutórios do monarca. Tal análise permite destacar alguns pontos relevantes do processo criativo de D. Pedro II. A metodologia estabelecida pela Crítica Genética possibilitou examinar as recorrências presentes nos cadernos de

³⁴ Sobre a relação entre D. Pedro II e Seybold, Cf. MAFRA, A.; STALLAERT, C. Um orientalista alemão no Brasil imperial. Christian Friedrich Seybold, o tutor de D. Pedro II. *Revista de História* (USP), p. 303 - 327, 2015.

tradução de D. Pedro II em pelo menos dois movimentos distintos, porém complementares. O primeiro deles permite visualizar a complexidade do processo que envolve a prática tradutória. As rasuras que determinaram o corte e a seleção de novas palavras, as hesitações que culminaram em campanhas de reformulação ou que simplesmente não foram propriamente solucionadas e as várias pesquisas e leituras que dialogavam diretamente com o texto traduzido são apenas alguns dos exemplos mais significativos que permitem ao geneticista acompanhar a produção em toda a sua completude. O segundo movimento pode ser tomado como um testemunho do comportamento tradutório de D. Pedro II. Sua prioridade estava em produzir uma tradução mais condizente com as teorias tradutórias em voga naquele período, ou seja, o produto final estava mais voltado para o texto de partida do que para a cultura que o receberia. Mas como defende Venuti³⁵, se a “domesticação” acaba por se tornar inevitável mesmo em projetos de tradução mais conservadores, o trabalho do monarca tradutor também não escaparia à regra. Daí alguns lampejos, mesmo que sutis, dessa tendência na prática tradutória de Pedro II.

A abordagem metodológica aplicada nesta proposta tornou possível acessar, de algum modo, do momento de criação do texto, ofício este laborioso e que, no imaginário coletivo, é atribuído simplesmente a um dom especial. No caso da tradução imperial, puderam-se revisitar os caminhos percorridos no momento de criação de D. Pedro II, em que cada rasura carrega as hesitações entre uma escolha por determinada palavra ou outra, os anseios e as oscilações presentes na configuração de seu texto. Ao privilegiar a análise genética, há uma valorização desse material “engavetado” que permite entender, além da figura curiosa do imperador, alguns testemunhos de um momento histórico representativo para o país. Talvez o mais importante a ser sublinhado esteja justamente no papel que a tradução exerceu para o sujeito liminar Pedro d’Alcântara e que o estudo sistemático do prototexto permitiu entender um pouco melhor. Mais que um “passaporte” para o ingresso naquele prestigiado universo letrado que ele tanto concorreu, ou de um mero recurso para o aprendizado de um idioma estrangeiro, a tradução pode ter contribuído também em um projeto mais amplo e audacioso, o de construção da identidade da jovem nação brasileira. A escolha precisa de textos representantes de polissistemas periféricos e culturalmente marcados, como é o caso do sânscrito, bem como a tentativa de traçar paralelos e destacar pontos de convergência entre línguas e culturas tão distantes entre si (guarani/ sânscrito), atestam a conduta contra-hegemônica adotada por D. Pedro II e que tinha a tradução como instrumento preferencial. Obviamente, as escolhas tornaram-se não só fontes de conhecimento sobre a língua, mas também de ideologias, valores, povos, costumes e das culturas em que estavam imersas. Mesmo com todo o fascínio que a Europa exercia sobre a intelectualidade brasileira do século XIX, o representante máximo do poder hegemônico nacional, o imperador D. Pedro II, foi buscar também em domínios extra-europeus elementos para a formação literária e cultural de seu império. Assim a tradução, desvencilhada de sua esfera estritamente linguística, funcionou como um canal privilegiado para constituir um projeto político e cultural novo e totalmente original para o país. As análises do prototexto, então, suplantam de vez toda e qualquer visão ingênua ou simplista de um monarca diletante que se debruçava no estudo de línguas como um recurso válido somente para impressionar seus contemporâneos europeus.

³⁵ VENUTI, L. *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*. Florianópolis: EDUSC, 2002.

Referências bibliográficas

- ALCANTARA, Pedro de. *Diário do Imperador D. Pedro II*. Organização: Begonha Bediaga. Petrópolis: Museu Imperial, 1999.
- _____. *Poesias (originais e traduções) de S. M. o Senhor D. Pedro II*. Petrópolis: Typographia do “Correio Imperial”, 1889.
- _____. *Poésies hébraïco-provençales du rituel israélite comtadin*. Traduites et transcrites par S. M. Dom Pedro II d’Alcantara, empereur du Brésil. Avignon: Seguin Frères, Imprimeurs-Éditeurs, 1891.
- _____. *Prometeu Acorrentado*. Tradução poética do texto pelo Barão de Paranapiacaba. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907.
- _____. *Tradução do sânscrito do livro do Hitopadeśa, de Narayana*. Manuscrito digitalizado. Arquivo da Casa Imperial do Brasil. Maço 29 – Doc. 1040 Cat B [D01/D02]; Maço 041 – Doc. 1064 Cat B [D02]. MIMP/Ibram/MinC.
- BIASI, Pierre-Marc de. *A genética dos textos*. Tradução: Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- DALGADO, Sebastião Rodolpho. *Hitopadexa ou instrução útil*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand, 1897.
- GRÉSILLON Almuth. *Elementos de Crítica Genética: Ler os Manuscritos Modernos*. Supervisão da tradução Reulliard. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.
- LACERDA, Roberto Cortes; LACERDA, Helena da Rosa Cortes de; ABREU, Estela dos Santos. *Dicionário de provérbios: francês, português, inglês*. 2. Ed. rev. e ampl. São Paulo: UNESP, 2003.
- MAFRA, Adriano; STALLAERT, Christiane. Um orientalista alemão no Brasil imperial. Christian Friedrich Seybold, o tutor de D. Pedro II. *Revista de História (USP)*, p. 303 - 327, 2015.
- MAFRA, Adriano. *O processo criativo de D. Pedro II na tradução do Hitopadeça*. 2015. 449 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina/Universiteit Antwerpen, Florianópolis/Antwerpen, 2015.
- MÜLLER, Friedrich Max. *Handbooks for the study of Sanskrit: The Hitopadeśa, Book 1*. London: Longmans, Green and Co., 1868.
- SOUZA, Rosane de. *Edição genética da tradução das Mil e uma noites de d. Pedro II*. 2015. 763 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História*. Coleção Grandes cientistas sociais. Organização: Nilo Odália. São Paulo: Ática, 1979.
- VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*. Florianópolis: EDUSC, 2002.

Recebido em: 02 de abril de 2018.

Aceito em: 24 de outubro de 2018.